

<sup>17</sup> ANDRADE, Mário de. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo, Martins, Brasília, INL, 1972, 99.

<sup>18</sup> \_\_\_\_\_ **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo, Martins Editora, 1959, vol. 2 e 3, 148, 149.

<sup>19</sup> ALVARENGA, Oneyda. op.cit., 97.

<sup>20</sup> ANDRADE, Mário de. op.cit., 153.

<sup>21</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Mitos brasileiros**. Cadernos de Folclore, Rio, MEC-FUNARTE, 1976, vol. 6, 5.

<sup>22</sup> Idem, p.5.

<sup>23</sup> Idem, p.15.

---

Este trabalho é síntese de versão apresentada no curso do Professor Dr. J.C. Garburglio, na USP, no curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, 1º semestre 1979.

## O CAVALO MORTO

Cecília MEIRELES. In:  
**Retrato natural**.

- 1 Vi a névoa da madrugada
- 2 deslizar seus gastos de prata,
- 3 mover densidade de opala
- 4 naquele pòrtico de sono
- 5 Na fronteira havia um cavalo morto.
- 6 Grãos de cristal rolavam pelo
- 7 seu flanco nítido; e algum vento
- 8 torcia crinas pequeno,
- 9 leve arabesco, triste adorno,
- 10 — e movia a cauda ao cavalo morto.
- 11 As estrelas ainda viviam
- 12 e ainda não eram nascidas

13    ai! as flores daquele dia...  
14    — mas era um canteiro o seu corpo:  
15    um jardim de lírios, o cavalo morto.  
16    Muitos viajantes contemplaram  
17    a fluída música, a orvalhada  
18    das grandes moscas de esmeralda  
19    chegando em rumoroso jorro.  
20    •Adernava triste, o cavalo morto.  
21    E viam-se uns cavalos vivos,  
22    altos como esbeltos navios,  
23    galopando nos ares finos,  
24    com felizes perfis de sonho.  
25    Branco e verde via-se o cavalo morto.  
26    no campo enorme e sem recurso,  
27    — e devagar girava o mundo  
28    entre as suas pestanas, turvo.  
29    como em luas de espelho roxo.  
30    Dava o sol nos dentes do cavalo morto.  
31    Mas todos tinham muita pressa,  
32    e não sentiram como a terra  
33    procurava, de língua em língua,  
34    o ágil, o imenso, o etéreo sopro  
35    o ágil, o imenso àquele arcabouço.  
36    Tão pesado, o peito do cavalo morto!

## O CAVALO MORTO - REPRESENTAÇÃO "PLÁSTICA" EM TODOS OS NÍVEIS

Edda Arzúa FERREIRA\*

O poema é marcado, acima de tudo, por uma representação plástica, harmoniosa de um cavalo morto. Cecília Meireles catalisa elementos sensoriais para extrair dessa operação efeitos da maior expressividade. E esse recurso ao sensorial

\*Professora de Teoria Literária da UFSC.